

POR UMA CARTOGRAFIA EXISTENCIAL: REPRESENTAÇÕES SOBRE A PESSOA COM DEFICIÊNCIA

*Eguimar Felício Chaveiro*¹

*Luiz Carlos de Vasconcellos Fadel*²

Resumo: Com o objetivo de elaborar uma abordagem qualitativa para os estudos cartográficos das Pessoas Com Deficiência, o qual tem se denominado “cartografias existenciais”, a partir de pesquisas direcionadas à leitura geográfica do sujeito contemporâneo, é que foi construído este trabalho. A questão nuclear do trabalho é: como não deixar as interpretações do sujeito, em geral, e das PCD, em particular, não caírem nos contos fáceis e ideológicos da apropriação de termos como “inclusão”, “bem viver”? O pressuposto que guia as reflexões parte dessa tomada de posição: qualquer projeto social no âmbito da economia, da política e de funcionamento da vida coletiva que não mire o avanço humano tende a criar um mundo fracassado e uma vida pobre. Nesta perspectiva considera-se a força inquestionável do ser humano para mudar as coisas, o espaço e a si mesmo. Contou-se com intenso diálogo com sujeitos de vários campos de saber; trabalhos de campo; ligações efetivas com instituições de gestão e de assistência à PCD; também com mapeamentos e entrevistas de representação.

Palavras-chave: Sujeito contemporâneo. Cartografias existenciais. Pessoas Com Deficiência. Representações.

Introdução

Diante do que se convencionou denominar mal-estar do sujeito contemporâneo, instituições científicas, órgãos públicos; os Estados e suas repartições e Movimentos Sociais são compelidos a colocarem no centro de sua atenção os sujeitos, seus impasses, suas possibilidades, a sua vida. Uma contradição aparece com frequência nas análises: a modernidade gerou avanços extraordinários na produção, na disseminação e na publicização do conhecimento e também na compreensão do funcionamento químico e biológico da natureza; na capacidade de gerar fluxos criando a hiper mobilidade e na expansão de objetos artificiais para o cotidiano, contudo, ao invés de resolver os problemas sociais fez aumentar a miséria existencial. Dois sintomas do projeto pobre de vida humana – e de vida na terra – logrados pela modernidade são o que se vê no espaço contemporâneo: o adoecimento e a violência.

Observa-se, entretanto, que desde a Revolução Francesa até a criação e a promulgação dos Direitos humanos foram erigidos, pelo menos formalmente, valores universais, entre os quais constam a democracia, a liberdade, a igualdade. De maneira

¹ Professor Doutor, do Programa de Pós-Graduação do IESA/UFG

² Professor Doutor, do DIHS - Departamento de Direitos Humanos, Saúde e Diversidade Cultural, da Escola Nacional de Saúde Pública - DIHS/ENSP - da Fiocruz

que o interesse pelo sujeito – e pela vida humana - expressam os desafios sociais baseados nesses valores.

Na cadeia deste texto pode-se dizer: qualquer projeto social, de economia, de política e de funcionamento da vida coletiva que não mire o avanço humano tende a criar um mundo fracassado. Uma vida empobrecida. Nesta perspectiva convém enunciar: entre a força inquestionável do ser humano de mudar os lugares, o espaço/tempo e a si mesmo - e a dilaceração dos sujeitos, tal como se enxerga hoje no modelo de sociedade capitalista, os projetos de inclusão e de lutas por direitos enfrentam o que se tem chamado “inflação de imagens”, “dilúvio de informações”, “convulsões simbólicas”.

Essas reflexões estão na base e no fundamento deste texto, a saber: avançar no sentido de criar ferramentas teóricas para interpretar o lugar social das Pessoas Com Deficiência nos espaços contemporâneos. Uma questão coloca-se como centro: como não deixar as interpretações do sujeito, em geral, e das PCD, em particular, não caírem nos contos fáceis e ideológicos da apropriação de termos como “inclusão”, “empreendedorismo”, “bem viver”?

O encaminhamento metodológico do trabalho advém da ligação de várias pesquisas em torno de projetos comuns em torno da interpretação da Pessoa Com Deficiência nesta sociedade, paradoxalmente movida pela ideologia da eficiência, da produtividade e da competição. É posição desse grupo de professores, orientados e pesquisadores abraçarem as lutas das Pessoas Com Deficiência reconhecendo a sua legitimidade, a sua importância e a suas lições de vida. O trabalho de pesquisa desenvolvido há mais de 10 anos tem clareado: os autores também possuem deficiências. Porém, a maior deficiência é a omissão diante de representações que expurgam, inferiorizam, silenciam, destroem e corroem a dignidade de vida de qualquer sujeito. Por isso, tomou-se como premissa não fragmentar os estudos da PCD dos demais sujeitos.

A formação de um aro de debates e intervenções, de pesquisa e de estudos entre pesquisadores, professores e militantes de diversos campos de saber, como pedagogia, direito, medicina, ambientalismo, geografia, fisioterapia, geoprocessamento, filosofia, Educação física, sociologia e outros são aglutinados à experiências de trabalho com Pessoas com Deficiência no campo da assistência e da reabilitação; da militância sindical e do movimento social; de práticas pedagógicas e políticas na raia da Saúde do Trabalhador; de vínculos com instituições como Ministério Público do Trabalho, Centro de Referência de Saúde do Trabalhador - Cerest.

Uma virada cartográfica?

É possível, aconselhável e pertinente usufruir da milenar tradição cartográfica para se pensar a vida integral do sujeito? A cartografia, tal como se efetivou – e tem se efetivado – possui condições para isso?

Um conjunto de desdobramentos filosóficos surgidos a partir da década de 1960, especialmente com a chamada filosofia da diferença, tem animado os geógrafos – e outros profissionais – a criarem um contingente de propostas cartográficas que observem os eventos qualitativos.

Especificamente a geografia brasileira, em contato com a sociologia e com a filosofia francesa, ao se colocar atenta para cartografar a vida do sujeito, tem criado pressupostos e balizas norteadoras das reflexões dos “novos mapas”. Cartografia social, cartografia da subversão, cartografia de romances, cartografias esquizos – e tantas outras

– ataçam a imaginação, a criatividade, promovem, não sem perigos, uma verdadeira virada cartográfica.

Entre os geógrafos há setores que constroem os pressupostos a partir de algumas chaves. Entre essas chaves delineadas pode-se afirmar que para existir o sujeito e/ou os grupos desenvolvem **RELAÇÕES SOCIAIS** de deslocamento, trabalho, moradia. Essas relações – e outras - conduzem os sujeitos a, inelutavelmente, constituírem **PRÁTICAS ESPACIAIS**.

As práticas espaciais, formadas por conteúdos históricos, sociais, culturais, econômicos, representacionais, traçam **CARTOGRAFIAS DE DEVIRES**, geram mapas existenciais. Ou seja, geram ações, cruzamentos, bifurcações que põem o sujeito em movimento no movimento do mundo.

Ao conceber assim referimos há algo central: o lugar do sujeito no mundo é marcado por conflitos, contradições, limites, capturas de sua subjetividade, alienações, rendições, negociações, crenças. Nisso esposam as classes sociais e o trabalho; a ideologia e a cultura; o lazer e a produção do cotidiano; a herança familiar e a sociabilidade. Conforme explicita Girardi (2009) o que ocorre são linhas, acontecimentos, intensidades. Isto é, são percursos e trajetos de vida. Pode-se dizer: cada sujeito social traça um mapa de vida num intenso cruzamento.

Atento à virada cartográfica ou às disputas cartográficas, o geógrafo carioca Emerson Santos esclarece que,

Iniciativas recentes apontam o surgimento de cartografias com denominações como “novas cartografias sociais”, “cartografias participativas”, “cartografias da ação”, “contra-mapeamentos”, entre outras. Tais cartografias se distinguem pela representação de aspectos da realidade (fenômenos, processos, elementos, atores, ações, etc.) pouco valorizados nas representações espaciais cartográficas hegemônicas – aspectos transformados em “não-existências”, como nos diz Boaventura de Souza Santos. Elas ganham distinção, também, pela produção de novas formas de representar, rompendo com as convenções cartográficas, e por variados processos participativos de produção – o que contempla distintas relações de poder/saber entre os tradicionais detentores dos meios de produção cartográfica e grupos sociais envolvidos nas realidades representadas (SANTOS, 2016, p.16).

As relações sociais, afetivas, de caráter simbólica ou outra qualquer que enunciem o percurso de vida de um sujeito cobra-lhe lucidez, discernimento, capacidade de ler o lugar. Em outros termos, cobra-lhe representações espaciais em várias dimensões escalares, desde a sua moradia ao jogo geopolítico que produz guerra e controla o território. É isso que aponta a geógrafa Gisele Girardi:

O conceito “mapa” é usado para dizer de referências (não necessariamente fixas) com as quais as pessoas lidam com o mundo, ou seja, como elas se territorializam; mas este mundo e estas pessoas mudam o tempo todo, exigindo que este mapa seja refeito o tempo todo. Portanto, o mapa nunca está pronto, mas constantemente sendo refeito, ora de modo mais lento, ora de modo mais brusco. O que impulsiona mudanças no mapa são fluxos de intensidades que promovem a desterritorialização, já que, se o território não é mais o mesmo, o mapa também não pode ser. O novo mapa revela uma reterritorialização, que já é territorialização (pois se estabiliza), que pode ser novamente desterritorializada, e assim por diante (GIRARDI, 2009 p. 149)

Outra concepção de mapa e outra leitura de coordenadas, agora ligadas à vida, exigem, por certo, outro dimensionamento da representação. Coremas, fotografias, grafites, esboços, demonstrativos, narrativas orais podem contribuir para a interpretação do sujeito e de sua ligação com os lugares e com o espaço.



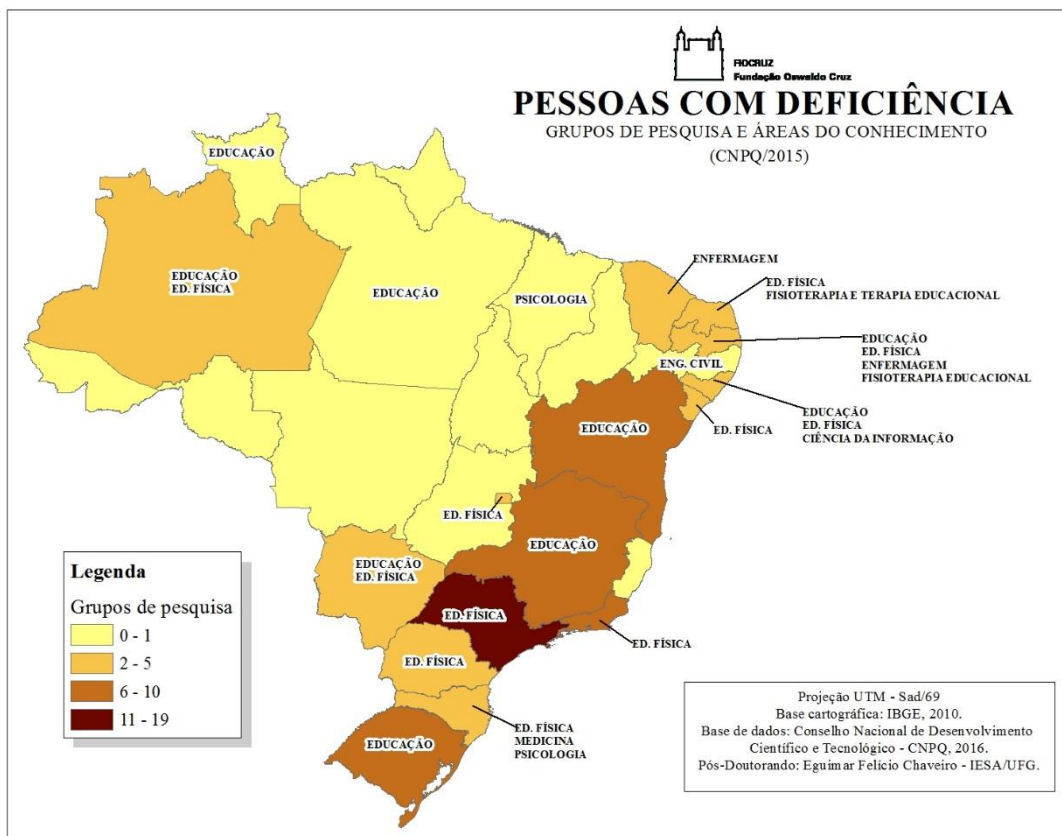
Círculo de conversa com Pessoas Com Deficiência

Trabalho de campo Vila São Catollengo – Trindade-Go.

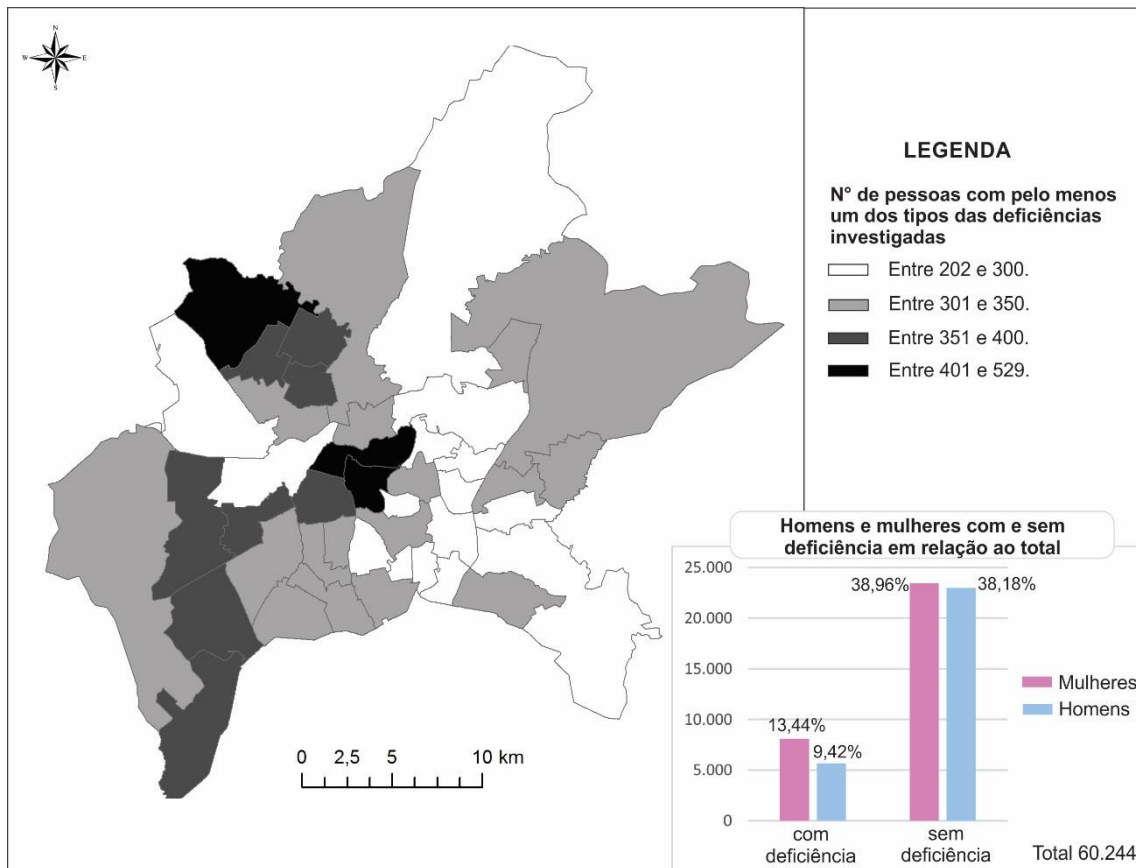
Chaveiro, E. Felício. 2014

As novas formas de representação não eliminam as anteriores e nem invalidam as desenvolvidas tradicionalmente pela cartografia em sua longa tradição. Esclarece, contudo, que o que se vê e lê em quocientes estatísticos, em imagens ou em cartogramas não são a verdade, mas apenas a representação. A verdade diz respeito a um conflito de posições e de valores; de fundamentos e premissas. É sempre axiológica e ontológica, isto é, possui a presença da ética e do ser do mundo.

Quando, por exemplo, elaborou-se o estado da arte da pesquisa realizada no Brasil sobre as PCD, a representação do mapa político do Brasil foi importante para fazer o balanço por regiões, unidades federativas e campos de saber ligando o tema aos campos de saberes.



A leitura das informações contidas no mapa, conforme estão representadas, mostra campos que necessitam de outros dados. Exige também um trabalho de interpretação que seja capaz de correlacionar, explicar vazios, interrogar causalidades, verificar nexos. Pode ser observado que apenas dizer onde os grupos de pesquisas estão localizados não dizem o que fazem e o que são; não dizem de seus comprometimentos. O mesmo pode-se referir do mapa abaixo vertido à região metropolitana de Goiânia:



Ora, especializar a quantidade de pessoas com deficiência nos municípios que compõem a RMG e comparar a incidência entre gênero, respondem a questões: como vivem essas pessoas? Quais são os seus dramas e os seus problemas?

Não respondem. São Esses limites que nos motivam a elaborar a ideia de cartografias existenciais.

Cartografias existenciais: soltando palavras

Para ajudar a compor a abordagem a qual denominou “cartografias existenciais” foi feita uma pesquisa de representação com vários intelectuais, gente ligada à luta de PCD, do movimento social, orientados, literatos, poetas. É isso que será visto de agora em diante. Um intelectual elaborou a sua representação intitulado-a “*Cartografias existenciais – o museu humano das marcas do mundo*”. Diz ele:

Na definição do Conselho Internacional dos Museus, um museu é "uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade".

Pessoas com suas características existenciais singulares são acervos de cartas e mapas acumulados que traduzem as coisas do mundo – suas carícias e suas ofensas – as suas marcas. Pessoas são museus humanos das marcas do mundo. Cartografias existenciais são formas de visitá-las. E descobrir coisas.

Descobrir que Pessoas são uma instituição permanente que ao passar pelo mundo doam seus acervos pessoais aos outros museus humanos – amores, filhos, amigos, inimigos, companheiros, vizinhos, transeuntes – que lhes sucedem, para fazer jus ao que receberam dos que lhes antecederam.

Descobrir que Pessoas são instituições sem fins lucrativos, apesar do Capital e do Mercado. Capital e Mercado não são Pessoas. As Pessoas os criam e são as Pessoas que podem destruí-los. Pessoas são meras unidades de troca – de dar e de receber –.

Descobrir que Pessoas estão a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento. Pessoas são as células do corpo social e só há desenvolvimento social com o desenvolvimento celular dos corpos sociais articulados das Pessoas.

Descobrir, também, que Pessoas estão abertas ao público, mas que para visitá-las é preciso o cuidado na forma de chegar, olhar, manusear, compreender. Suas cartografias existenciais muitas vezes guardam mapas desbotados, cartas rasgadas, teias de aranha, um pouco de mofo, pedaços dobrados, rasuras, descuidos, manchas...

Amor, ternura, tolerância, alteridade são senhas de chegada para a visita.

Descobrir que Pessoas adquirem, conservam, investigam, difundem e expõem os testemunhos materiais do homem e de seu entorno. Há em cada museu humano um pouco de cada um de cada um em Si que compôs, compõe e continuará compondo a sinfonia da vida. A sinfonia em Si da vida que serve de trilha sonora da visita ao museu humano não seria música se não tivesse todas as notas musicais dó, ré, mi, fá sol, lá, mesmo sendo composta em Si – maior ou menor – não importa.

Descobrir, ainda, que Pessoas existem para educação e deleite da sociedade.

Cartografias existenciais não é um novo ramo da ciência, tampouco obra de ficção. É apenas uma forma singela de visita aos museus humanos das marcas do mundo.

O recurso metafórico de aglutinar a cartografia existencial ao museu humano indica as ideias do autor. Para ele é propriedade da cartografia existencial a visita ao ser humano com todas as marcas dos do mundo, trabalho, afeto, traumas, tensões, educação. De maneira sutil mostra como o mundo comandado pelo capital e pela mercadoria indispõe contra esse museu humano instituído por diferenças e singularidades.

Em diálogo com a metáfora do museu humano, outro autor apresenta:

Goiânia, dia 09 de setembro de 2016, quatro horas da tarde. Há um bom tempo não rabisco tonterias no papel, nem mesmo cartas relevantes ando escrevendo, peço desculpa pela dureza e ausência de ética das linhas que se seguem. Tenho uma grave dificuldade, e é um pecado que ainda que fará perder algumas vidas. Me esqueço de nomes com grande facilidade. E assim, dois dedos de prosa seguiam, nem mesmo cinco minutos se passaram e já sabia que José mora num setor que ladrão não pode vacilar, Santa Helena quebrada histórica de muito respeito. Ali não morava sozinho, bem acompanhado José estava, casado e com um filho. Das recordações próximas, José me dizia de uma declaração de amor sertanejo, com a caminhonete emprestada de um amigo, tocou o berrante na porta do trabalho da esposa, não há de encontrar na literatura romântica de Shakespeare declarações de amor sertanejo, mas José tocou o berrante bonito, de jeito que a moça até chorou. O berrante de José não é símbolo do passado recente goiano, veio lá de Barreto pois José sabia onde havia berrante do bom, mas antes de comprar o chifre ornamentado, José trabalhou na fazenda, era peão como de boiadeiro do interior de goiás, ele mais dois companheiro, caparam mais de 500 bois em uma remessa só. À noite, para comemorar, foram José mais os dois companheiros numa festa da qual o disparo deixou José paraplégico. POW! O som do disparo, estalando após aperto do gatilho ainda incomoda José nalguma noites mal dormidas. Acorda com um gosto amargo de dia, algo agridoce, tipo vingança. Depois da enxuta conversa com seu José, tratei eu de me indagar, “diacho vei, que trem é esse de cartografia existencial?!”, eis que minha resposta tá bem ai. Desenhei um mapa imperfeito de José, uma cartografia fugaz e equivocada na tentativa da representação microscópica de um “museu humano”. A quem como eu necessite maiores explicações, prossigo. A escala está redigida no tempo de um verso, quiçá 15

anos comprimidos em algumas linhas. Na legenda há pontos, polígonos e circunferências, das pulsões afetivas que cruza outras trajetórias lineares dentro de um polígono que caracteriza a área das classes sociais de quem pega o transporte coletivo todos os dias; o território está nos olhares que delimitam e até mesmo ousam punir um espaço para cadeiras de rodas no ônibus lotado; alguns pontos aparecem nas cartografagens, alguns pequenos troféus, algumas desgraças na vida [...]

O tom pessoal e poético do texto, a mistura de gêneros textuais, o processo interrogativo e, especificamente, a descoberta de José, como museu vivo, susceptível de ser cartografado, pede a sensibilidade como categoria de compreensão do termo. Esse mesmo procedimento é visto no texto:

Não sei bem o que é cartografia. Nem sei cartografiar. Não quero buscar explicações em leituras acadêmicas. Quero me posicionar como sou, estou e devo continuar a ser. Sem os disfarces eruditos que naturalmente não tenho. Mas hoje busco ter, apesar de ainda achar que são disfarces, ao menos no meu caso. Digo isso porque sou uma pessoa da execução. Este lugar é o meu lugar de fala. De quem trabalhou ideologicamente, sem se preocupar com uma descrição desse trabalho. Talvez tenha sido um erro, talvez não.

Nas minhas andanças acadêmicas descobri que mais vale quem bem escreve e fala do que quem faz. O fazer se perde no tempo. A escrita parece que dura mais. Mas ainda tenho dúvidas. Minhas dúvidas são porque sou do 'pensar-fazer'. Tenho a angústia da práxis.

Vejo que muita coisa pensada faz muito tempo ainda não é praticada. Apesar desse mundo precisar tanto desse pensamento já pensado. Onde está o pensamento além das letras? As letras tem existência? Morrem como pessoas ou vivem para além do tempo?

Minha essência nativa é caiçara, isso é além do tempo. Porque é herança. Não fujo disso, aliás amo. Adoraria conhecer mais do pouco que aprendi com minhas avós e mãe. Da lida da terra, dos ventos, da maré, das plantas, do mundo, da nossa terra...

Penso que nos desgarramos disso, agimos como se fôssemos seres completamente independentes. Como se nós nos bastássemos. Cortamos a árvore sem pensar na falta que a sombra dela nos faz e nos esquecendo que ela é um ser vivo. Criamos e matamos animais para saciar nossa fome. Nos alimentamos deles e esquecemos que são donos desse mundo tanto quanto nós. Acho que esquecemos também, quando esboçamos nossa representação cartográfica, do quanto o outro é importante para nossa existência. Posso mesmo estar em paz e ser feliz sozinha? O quanto minha da minha vida depende da(s) outra (s) vida(s)?

Já sabem a resposta. É fácil responder... Talvez nem tão fácil, mas é possível elaborar teorias, escrever, profetizar, poemizar, fazer discursos...

Mas aí vem a palavra "existência". Como delimitar para além da etimologia dessa palavra, um significado ao fato de simplesmente existir? Como medir o significado da sua existência para cada um que existe?

Ando explicitamente encantada com a existência e com a multidiversidade de cada ser.

Mas não tenho receitas nem bulas, não sei mesmo como chegar ou sair de cada um que existe, apesar de minha profissão exigir isso. Mas sei que não é possível medir uma existência.

A enfermagem, minha profissão e trabalho, dizem que é a arte do cuidar. Cuidamos do pouco que conseguimos ver da existência do outro. O nosso olhar é muito curto. A existência, infinita!!!

Sendo infinita a nossa existência, me pergunto... Podemos cartografiar?

Domingo último fui com minha filha assistir aos Jogos Paralímpicos. Posso dizer que entre olas, gritos, aplausos, chorei muito.

O tempo todo me perguntava o que são e quem são aquelas pessoas com tanta capacidade de superação e tanta vontade de viver. Que energia é essa que elas têm? Como conseguem enfrentar esse mundo tão voltado para padrões

estéticos inatingíveis? Lógico que não sei responder... Seriam existências inexplicáveis?

Não. São pessoas do mundo, como nós. Antes escondidos, depreciados, anônimos, doravante o infinito...

Explicar como conseguem superar os dogmas e as barreiras eu não sei.

Medir a existência deles ou de outros seres vivos, humanos ou não, também não sei. Sei apenas que existem. Por existirem têm seu lugar no mundo como todos nós.

São corajosos!!! De hoje em diante, os meus "super-heróis"!

Escolhi para minha vida "cartografiar" os heróis anônimos, todos os trabalhadores, que sustentam meu viver. Se eles não forem felizes, jamais poderei ser.

Essa é a razão da minha existência. Minha cartografia.

Caracterizada pelo tom confessional do texto, pela sinceridade e interrogando o sentido filosófico da existência, juntamente com o que denominou “angústia da práxis”, a fala caminha para mencionar os componentes da cartografia da existência: a necessidade do Outro; a multidiversidade do ser humano; o respeito com todos os trabalhadores; a necessidade de se saber relacionar.

A abertura advinda do termo “cartografia existencial” pode constituir-se numa imensa possibilidade de compreensão, pois a vida possui um grau infinito de ligações. Apesar de o grau de conectividade de processos, componentes, estruturas, variáveis estão presentes na vida de um sujeito, de uma etnia, de um grupo social e classe. Alguns pressupostos, como sentença a professora: “cartografia é o acompanhar de um processo”. Esse é o limite maior das cartografias tradicionais: não darem conta de validar o processo como elemento espacial e da vida.

“CARTOGRAFIA” é o acompanhar de um processo... De existir? Olhe o presente e redobre à atenção.

Cartografia é pesquisa e intervenção... No existir? Veja o sujeito no espaço-temporal.

Cartografia é perder o próprio ponto de vista... Do existir? Tudo é relacional.

Cartografia é a união de forças... Para existir? Requer modificações, desvios e recriação.

Cartografia é traçar metas de ação... E o existir? Precisamos de um território existencial.

Cartografia é ter um território em transformação... Para existir? Viver uma constante mutação com complexidade sem identificação.

Cartografia é o suscitar de uma problemática... Para existir? Não objetivar a realidade e agir na transformação.

Cartografia é política, ideologia e metodologia... Para existir? Ressaltar o seu processo e propagação.

Cartografia é compreender a ciência, as técnicas, a arte... Para existir? Ter um “MAPA” em formação.

A Cartografia é repleta de dinamicidade de saberes, práticas, estruturas, ações, intervenções, invenções, acomodações, paradigmas, satisfações, insatisfações, sujeitos que buscam um pensar, agir, sonhar, construir, desconstruir, relacionar, fazer, “EXISTIR”, coabitar, criar raízes, uma identidade, um “LUGAR”, um “ESPAÇO”, um “TERRITÓRIO”, um “MAPA”, uma “ESCALA”, e traduzir o cotidiano de suas vidas em uma leitura denominada “CARTA”, aquela que trás em si os escritos, os desenhos e os contornos de suas “CARTOGRAFIAS EXISTENCIAIS”.

A noção de trajetória, processo de vida, caminhada existencial, encontro com a terra, com a cultura e consigo mesmo, são palavras que mobilizam o entendimento do campo. Assim diz uma pesquisadora:

Há um tempo atrás eu não imaginava o que seria Cartografias, aliás ainda tenho dúvidas. Em meados de 2015 ao participar do grupo de estudos Cartografias Existências é que fiquei mais confusa, porque aí apareceu a palavra “Existenciais”. Fiquei imaginando, cartografias... existências... Como sou privilegiada em ter um geógrafo em casa, logo pedi ajuda para compreender.

Diante de uma aula exclusiva penso que entendi o básico. Cartografia é uma técnica de representação da realidade num plano cartesiano e está relacionada a confecção dos mapas. Existência, bom, é olhar para o sujeito, o ser, e perceber que ele existe independentemente de alguma delimitação, ou classificação. Ele simplesmente existe, participa da sociedade, se insere no mundo por intermédio do corpo, com suas ações.

Então, acredito que o termo Cartografias Existenciais busca representar, de alguma forma, as trajetórias dos sujeitos, sem deixar de considerar a dimensão da vivência, que é fortemente influenciada pelas imposições da sociedade.

Dessa forma, após algumas conversas com o professor defini em uma frase para expressar o que entendi por Cartografias Existenciais: é a representação dos caminhos traçados e das experiências vividas pelos diferentes sujeitos.

A síntese da autora mostra a história de sua compreensão do termo. Ao preconizar que cartografia existencial “é a representação dos caminhos traçados e das experiências vividas pelos diferentes sujeitos”, está posto a trajetória de sua imersão no campo. E ainda revela um grau de amadurecimento da própria compreensão.

Isso é próximo de outra orientada. Ela diz que,

A Cartografia é uma forma de representação do espaço, muitas vezes associada unicamente aos mapas, que representam em um plano, e a partir de uma certa escala, um local ou região específica.

Ao se propor uma cartografia existencial, pretende-se representar as trajetórias de vida, constituídas a partir da existência do sujeito em um dado espaço e tempo. São influenciadas pela sociedade, pelo Estado, pelo modo de produção, pela afetividade ao lugar, pela paisagem e as diversas redes que atravessam as trajetórias dos sujeitos.

Essas trajetórias formam fluxos, linhas imaginárias que revelam as marcas deixadas a partir da experiência do sujeito com o espaço. Essas marcas, no caso da pessoa com deficiência, são fortemente atravessadas pela opressão e a segregação socioespacial, obtidas a partir do contato com barreiras físicas e atitudinais.

Uma pergunta frequentemente feita por pessoas acostumadas com a cartografia tradicional é “como representar esses fluxos?”. Um ex-caminhoneiro de 58 anos, após enfrentar três derrames e precisar da ajuda de uma cadeira de rodas e acompanhamento de um fonoaudiólogo para reaprender a falar, ao contar sua trajetória de vida – com uma infância levada no interior de Goiás, suas diversas viagens, sempre acompanhado da vontade de voltar para casa e rever sua esposa e filhos, o medo da deficiência, as dificuldades financeiras e preconceitos enfrentadas após os derrames, e por fim, a superação das barreiras se tornando campeão de takkyu voley – está expondo a sua CARTOGRAFIA EXISTENCIAL. Essa cartografia pode ser representada a partir de fluxogramas, textos e como o próprio senhor o fez, a partir de um relato.

Centrada na ideia de trajetória de vida e incorporando a noção de espaço como suporte, meio e condição das trajetórias, esforçando-se para exemplificar na vida concreta as suas representações teóricas, o texto conduz a uma compreensão política do termo, tal como outros anteriores. Um saber comprometido com a prática, uma prática instaurada no saber, um dever de perceber e sentir emanam de sua leitura.

As representações esboçadas corroboram com o objetivo central que nos motivam a elaborar a noção de “cartografias existenciais”, isto é, interpretar o sujeito e sua ligação com o espaço observando as trajetórias, os percursos, os limites e as imensas possibilidades sociais. Isso ajusta-se às pesquisas de PCD, pois permite enxergar, de maneira totalizante, o modo como a sociedade burguesa moderna cria empobrecimentos de vida, segrega, elabora preconceitos e faz negócios ideológicos a partir de uma visão liberal do ser humano e da vida.

Considerações finais

Junto aos novos adendos da linguagem cartográfica e às suas funções, as “novas cartografias”, conforme se viu no texto, criam outras categorias de análises e de procedimento metodológico. Esse grupo de professores, pesquisadores, alunos da pós-graduação e da graduação, de diferentes campos de saber, ao falar de cartografia existencial tenta aglutinar a interpretação da dimensão espacial das PCD à intervenção política. O cartógrafo, assim, não é apenas o fazedor e o intérprete de mapas, mas o que se põe à práxis mesmo que sob tensões, negociações e angústias.

As visões livres criadas pelos autores que participaram da pesquisa de representação acerca da cartografia existencial fazem parte do que se denominou “virada cartográfica”. Precisamente, referem-se às demandas de tornarem a cartografia – ou as cartografias – um campo de leitura qualitativa do ser humano, incluindo fluxos, contradições, conflitos, histórias de vida.

Esses autores também estão conscientes que as representações cartográficas são ideológicas. Por isso, possuem uma dimensão política. No caso específico das representações da PCD, as pesquisas que realizamos durante os últimos 10 anos, indicam a necessidade de conhecer a história de vida desses sujeitos; seus problemas estruturais como Educação, trabalho, mobilidade.

Indicam também interpretar o modo como esse grupo de sujeitos é visto. Quase sempre há duas posições: uma que os representa a partir de uma espécie de culpa acomodada, isto é, olha-os como coitadinhos; e outros que os ignoram. Em ambas estão presentes a perspectiva liberal: a deficiência é vista a partir do que se denomina como eficiência – e eficiência significa produzir, consumir, adaptar-se à sociedade burguesa.

Contra essa posição pode-se dizer que não há sujeito totalmente eficiente. Todos possuem deficiência. E a deficiência maior reside em não participar, em não criar, em não colaborar. Assim, ultrapassamos uma visão biomédica da deficiência para constituir uma perspectiva política do sujeito. Como não há como existir sujeito sem luta, sem organização e sem participação, a cartografia existencial, por isso, pode – e deve – ser um instrumento de enriquecimento das possibilidades participativas de qualquer sujeito. Lê-se a vida na perspectiva política para torná-la inteira.

FOR AN EXISTENTIAL CARTOGRAPHY: REPRESENTATIONS ABOUT THE PERSON WITH DISABILITIES

Abstract: This research aims at the elaboration of a qualitative approach to the cartographic studies of People with Disabilities, which has been called "existential cartographies", based on research aimed at the geographical reading of the contemporary subject. The central question of the work is how not to let the interpretations of the subject in general and of the PCD in particular not fall into the easy and ideological tales of the appropriation of terms such as "inclusion", "participation", "well live"? The assumption that guides the reflections starts from this position: any social, economic, political and collective project that does not look at human progress tends to create a failed world and a poor life. In this perspective it is considered the unquestionable force of the human being to change things, space and himself. There was intense dialogue with subjects from various fields of knowledge; fieldwork; Effective links with management and assistance institutions for PCD; Also with representation mappings and interviews.

Keywords: Contemporary subject. Existential cartographies. People with Disabilities. Representations

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, R. *A dialética do trabalho: escritos de Marx e Engels*. São Paulo, Expressão Popular, 2004.

ANTUNES, R. *Os sentidos do trabalho: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo, Boitempo, 2009.

AUGUSTO, J. *Reestruturação produtiva: uma breve reflexão*. Desafios do Mundo do Trabalho. São Paulo: CEPIS, 2009. pp. 67-82.

GIRARDI, Giseli. *Mapas Desejantes: uma agenda para a cartografia geográfica*. In: PROPOSIÇÕES, Campinas-SP, Vol.20, N. 3 (60), Pag. 147-157, 2009.

GUATARRI, Felix e ROLNIK, Suely. *Micropolítica . Cartografia do Desejo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

SANTOS, M. (2008). *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo.

SANTOS, Renato Emerson. *DISPUTAS CARTOGRÁFICAS E LUTAS SOCIAIS: SOBRE REPRESENTAÇÃO ESPACIAL E JOGOS DE PODER*. In: XII Colóquio de Geocrítica. Bogotá: Bolívia, 2016, p. 1-16, encontrado em <http://www.ub.edu/geocrit/coloquio2012/actas/16->

THOMAZ, A. *Por uma Geografia do Trabalho*. Revista Pegada. Presidente Prudente, 2002.

